

SANDRA REGINA VOLLET

ESTRELA DA SERRA

SANDRA REGINA VOLLET

ESTRELA DA SERRA

Todos os direitos reservados
São Paulo, Março de 2011

SANDRA REGINA VOLLET

ESTRELA DA SERRA

Dedico está livro à minha Mãe, o anjo que me deu a vida e que certamente ia rir muito desta história.

Maria Tereza Leite Vollet

SANDRA REGINA VOLLET

ESTRELA DA SERRA

À minha família...

ESTRELA DA SERRA

As cidades do interior escondem muitas coisas engraçadas que ora são tradições, ora são folclores ou até mesmo invenções do povo simples que vivem por lá. Cada um tem sua história engraçada em algum momento da vida. Situações engraçadas e tristes fazem parte da natureza humana e resgatar esses eventos é uma forma até saudável de preservar os “causos” do nosso interior.

Esta é uma obra de literatura e qualquer semelhança é mera coincidência, porque porventura pode alguém ter identificação com algum dos personagens, ou conhecer alguém próximo a ela.

Pierina abriu a janela

Pierina abriu a janela, respirou fundo o ar fresco da manhã, pensou: “vai fazer um dia lindo hoje!” O sol já brilhava e os pássaros voavam cantando com uma variedade imensa de sonoridade que é muito comum no interior.

Sua casa era a segunda da esquina de forma que ela tinha uma visão boa das duas ruas. Tinha bastante gente andando pelas calçadas, algumas indo para compras, outras já voltando, algumas paradas conversando, outras simplesmente caminhando, alguns homens parados na calçada fumando seu cigarro de palha e conversando sobre futebol, família, roça, política. Meninos andando de bicicleta, alguns empinando

papagaio, jogando fubeca, batendo bafo, trocando figurinha repetida.

Pierina vendo todo aquele movimento sorriu e entrou para seus afazeres.

Começou a arrumação da casa e ouviu bater palmas pensou quem será? foi olhar e assim que abriu a porta da frente escutou:

--dona pi. Como vai? tá boa?

Era seu Elpidio o baixinho do noturno!

--passei para saber se a dona moça percisa de alguma coisa, é só falá qui eu vô buscá?

Pierina pensou: "odeio quando ele me chama de dona pi!"

--brigada seu Elpidio, num carece não? Num perciso de nada!

--tá bão intão! Caso a dona moça quisé, eu passo cá todo dia! Que ocê tem um dia prá lá de bão hoje. Inté mai vê!

--inté seu Elpidio, inté!

Os amigos

--ai, ai, esse homi num larga do meu pé, que saco! Num gosto dele ficar me rodeando desse jeito! Quê que os vizinho vão pensar de mim? Minha Santa Clara me sarva dêsse peste? ára!

Elpídio foi em direção ao grupinho de homens que conversavam em frente ao bar do fraquito.

--dia gente boa!

--dia seu pi, como vai o amigo? perguntou o Dito.

--ô amigo tá arriando os pneu prá dona pi hem? falou o Zé merré.

--rapaz, cê tá gamadão na dona pi? Pigarreou o Mané tainha entre uma baforada no pito de páia.

--prá quando é o casório pi? Num esquece dos amigo hem? riu o sarnento.

--ôces me arrespeita viu? A dona pi é moça de respeito e eu só quero ajudar ela se ela percisá, aprecio a pessoa dela, mas com respeito!

Todos riram e entravaram na conversa sobre os assuntos deles.

O Dito é dono da fazenda Esplendorosa de 90 hectares distante 10 km da cidade de Estrela da Serra, filho do coroné Cardoso, tem mulher e três filhos solteiros, sendo dois rapaz e uma moça, a dona Maria das dores mulher do Dito é uma pessoa muito bondosa e sorridente. Vive para a família e para a mãe dona Generosa, que auxilia no comando da casa e dos empregados.

O Zé merré é aposentado da companhia de trens onde trabalhava como chefe da estação, é viúvo, tem quatro filhos casados e cinco netos, mora sozinho, tem uma queda pela Pierina, mas não deixa ninguém perceber, tem o apelido de Zé merré porque chama o dinheiro de merréis.

O Mané tainha é aposentado também da companhia de trens, onde era bilheteiro, é casado, tem dois filhos casados, sete netos, sua mulher a dona Filó gosta de fuçar a vida dos outros e fazer fofoca com a vizinha a Mazé, repara em todo mundo na cidadezinha, vive cantarolando a música "cinderééééela eu sou, cinderéééela...", tem o apelido de

tainha porque gosta de pescaria, é chegado a numa “branquinha” e no pito de páia.

O sarnento é aposentado rural, trabalhava numa fazenda na região, é casado, tem cinco filhos, onze netos, sua mulher a dona vidinha é uma senhora muito boa, gosta de fazer caridade e ajudar as pessoas mais pobres da cidade, quatro dos cinco filhos moram com ele, o outro mora numa cidade vizinha, é formado em agronomia e trabalha numa fazenda na cidade de Milagreiro. Gosta muito de prosiar, tomar cerveja, pita um fumo de corda e antes da cerveja, um gole de cachaça com um gole pro “santo” protetor, o apelido é porque não gosta de tomar banho e vive se coçando sem se importar com os outros.